

Hohlfeldt, Antonio ; Oliveira, Samir Rosa de

Bicentenário da Imprensa brasileira : reavaliação de Hipólito José da Costa, diretor e editor do “Correio Braziliense”

Ecos de la Comunicación • Año 1 Número 1 – 2008

Este documento está disponible en la Biblioteca Digital de la Universidad Católica Argentina, repositorio institucional desarrollado por la Biblioteca Central “San Benito Abad”. Su objetivo es difundir y preservar la producción intelectual de la institución.

La Biblioteca posee la autorización del autor para su divulgación en línea.

Cómo citar el documento:

Hohlfeldt, A., Oliveira, S. R. de. (2008). Bicentenário da Imprensa brasileira: reavaliação de Hipólito José da Costa, diretor e editor do “Correio Braziliense” [versión electrónica], *Ecos de la comunicación*, 1(1). Recuperado el,de <http://bibliotecadigital.uca.edu.ar/repositorio/revistas/bicentenario-da-imprensa-brasileira.pdf>

(Se recomienda indicar la fecha de consulta de acuerdo con el siguiente ejemplo: Recuperado el 27 de Julio de 2010,)

Bicentenário da Imprensa brasileira: reavaliação de Hipólito José da Costa, diretor e editor do “Correio Braziliense”

Antonio Hohlfeldt* e Samir Rosa de Oliveira**

Resumo

Comemoram-se, em 2008, os 200 anos da imprensa brasileira. Este artigo destaca o jornal “Correio Braziliense”, editado por Hipólito José da Costa, desde Londres, entre junho de 1808 e dezembro de 1822. Depois de uma revisão bibliográfica contextualizada sobre o autor e o jornal, busca-se uma avaliação sob perspectiva contemporânea da importância do autor e de sua criação.

Abstract

The brazilian press has 200 years. This paper study the newspaper “Correio Braziliense”, editad by Hipólito José da Costa, in London, between 1808, June and 1822, December. After a bibliography revision about the auctor and the paper, we try a contemporary avaluation from the journalist and his work.

O ano de 2008 marca a passagem dos duzentos anos de criação da imprensa brasileira. Tal fato se deu no contexto de eventos históricos que envolvem a invasão da Espanha e de Portugal pelas tropas napoleônicas e, no caso português, a fuga da Família Real, que veio se instalar na colônia latino-americana. Em decorrência da nova situação, o Príncipe Regente, Dom João VI, não apenas abre os portos brasileiros ao comércio com as “nações amigas”-leia-se, a Inglaterra – quanto transforma o Brasil em Reino Unido ao de Portugal e Algarves.

As conseqüências são imediatas: uma série de melhorias são

* Doutor em Letras, pela PUCRS (1998), ex-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da mesma universidade, onde leciona, naquele Programa, as disciplinas de “Teorias da Comunicação”, “Comunicação e opinião pública” e “Leituras em Jornalismo”. É autor de livros como “Teorias da comunicação” (Vozes, 2000) e “Última Hora: Populismo nacionalista nas páginas de um jornal” (2001).

** Aluno-bolsista de Iniciação Científica, no Programa PUCRS/FAPERGS, cursando Jornalismo.

Palavras Chave

História da imprensa - Teoria do jornalismo - Hipólito José da Costa - Correio Braziliense - Jornalismo brasileiro

Key words

Press' History - Journalism's Theory - Hipolito José da Costa - Correio Braziliense - Brazilian journalism

produzidas no novo reino, algumas com a participação direta da Família Real, como a criação da Biblioteca Pública do Rio de Janeiro, formada pela biblioteca real que fora trazida de Lisboa; o Jardim Botânico, ainda hoje atração no Rio de Janeiro; e a criação do primeiro jornal formalmente autorizado em terras brasileiras, o oficioso *Diário do Rio de Janeiro*, formalmente editado por Frei Tibúrcio José da Rocha, a partir de 10 de setembro de 1808.

Contudo, naquele mesmo ano, alguns meses antes, uma outra personagem ocuparia lugar na história da imprensa brasileira. Trata-se de Hipólito José da Costa, nascido no sul do Brasil, na cidade de Pelotas (província do Rio Grande do Sul), criado na localidade de Colônia (hoje República Oriental do Uruguai), estudando em Porto Alegre e, mais tarde, em Coimbra, de onde sairia já como embaixador de Portugal junto aos Estados Unidos da América.

Ao retornar da América do Norte, Hipólito seria acusado, pela Inquisição, de integrar os quadros da maçonaria. Preso durante cerca de três anos, consegue fugir, provavelmente com a corrupção de seu carcereiro, e fixa-se em Londres onde, sob a proteção do irmão do rei, chefe da maçonaria inglesa, viverá até 1823, inclusive casando-se com uma cidadã inglesa. Foi aí, em Londres, que Costa, aproveitando os acontecimentos de 1808, resolveu fundar e editar o jornal *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, em que escreveria praticamente sozinho, perfazendo 175 edições, entre junho de 1808 e dezembro de 1822, quando resolveu encerrar sua missão.

José Marques de Melo, ao examinar a evolução e as características da pesquisa brasileira sobre comunicação, indica uma periodização segundo a qual os primeiros estudos estão ligados tanto à discussão sobre as diferentes legislações aplicadas ao país, ao longo de sua história, quanto ao próprio surgimento da imprensa nacional (1985). É sob esta perspectiva que também as primeiras abordagens a respeito da figura de Hipólito José da Costa Mendonça de Furtado foram desenvolvidas em nosso país.

O estudo pioneiro – no sentido de ser o primeiro verdadeiramente mais extenso e inédito quanto aos dados levantados – que se produziu a respeito do grande intelectual e militante brasileiro/português é o de Mecenias Dourado (1956), logo seguido pelo de Carlos Rizzini (1957).¹ Em 1966, surgiria o extenso e profundo trabalho de Nelson Werneck Sodré (1966[1977]) sobre a história da imprensa no Brasil, em que o autor questionava radicalmente as avaliações feitas anteriormente sobre a figura de Hipólito José da Costa. Seguir-se-ia a antologia constituída por

¹ Alguns autores indicam a primazia de Carlos Rizzini, mas a consulta às respectivas imprentas indicam as datas de 1956, para Mecenias Dourado, e 1957, para Carlos Rizzini. Na verdade, este já publicara uma outra obra sobre a imprensa brasileira em que dedicara substancial espaço para estudar a contribuição de Hipólito José da Costa ([1946], 1988) e comentado por Mecenias Dourado.

Barbosa Lima Sobrinho (1977) e, anos mais tarde, uma outra antologia, não só mais restrita quanto mais focada, organizada por Sérgio Góes de Paula (2001).

Ao longo desse período, alguns manuais foram produzidos e começaram a circular entre nós, como o de Juez Bahia (1990), além de outros livros de maior contextualização a respeito da história de nossa imprensa, como o de José Marques de Melo (2003). Nesses casos, repetiram-se, de modo geral, afirmações anteriormente apresentadas pelos primeiros pesquisadores, sem que se ampliasse a abordagem a respeito da importância e das conseqüências que a atividade de polemista de Hipólito José da Costa produzira em sua contemporaneidade.

Basicamente, tanto Rizzini quanto Dourado escreveram obras de defesa a respeito do jornalismo praticado pelo pensador nascido na Colônia de Sacramento, em 25 de março de 1774, apenas 14 anos depois de iniciada a publicação da *Enciclopédia* francesa de D'Alembert e de Diderot e da qual, certamente, o publicista certamente teria notícia e conhecimento, na medida em que, em 1793, vai estudar em Coimbra, de onde partirá em 1798, em missão oficial do Governo Português, para dirigir-se à ainda recentemente emancipada colônia inglesa da América do Norte, agora transformada nos Estados Unidos.

Na acepção de ambos os pesquisadores e biógrafos, Hipólito José da Costa deve ser considerado não apenas o patrono da imprensa brasileira quanto seu pioneiro, já que a circulação do *Correio Braziliense* teria aberto o caminho para os grandes debates em torno da independência da então colônia portuguesa.

Nelson Werneck Sodré questiona seriamente esta perspectiva. Para ele, é injustificada tal inserção, “pelo fato de [o jornal] não ter surgido e se mantido por força de condições internas, mas de condições externas (p.24), ao que acrescenta, logo adiante: todos os nossos grandes problemas foram por ele tratados muito mais segundo as condições internacionais do que das nacionais (p. 24), que ele identifica, enfim, como sendo a posição da burguesia inglesa” (p. 28, nota 14).

Neste meio tempo, uma continuada campanha nacional transformou, de fato, Hipólito José da Costa no pioneiro da imprensa brasileira e, logo depois, em seu patrono.²

Sodré, para além do argumento de interpretação histórica, mercê de uma perspectiva crítica, que é a análise marxista das superestruturas sociais, acrescenta outro argumento técnico, que é o da característica dos textos. Para ele, Hipólito José da Costa teria produzido muito mais uma obra de moralização e de

² Marques de Melo refere que, em 1957, o VII Congresso Nacional de Jornalistas chegou a aprovar uma tese de Fernando Segismundo, segundo a qual Hipólito José da Costa seria um jornalista venal e que, por isso, “deve tombar do alto pedestal a que o elevou a admiração fácil de seus ingênuos concidadãos”. No entanto, em agosto de 1972, a Associação Riograndense de Imprensa publicava a monografia de Raul Quevedo “Hipólito José da Costa” (Porto Alegre, ARI, n. 29), em que se reivindicava ser ele o “jornalista da independência”. A ARI desencadeou um movimento em favor da substituição de Frei Tibúrcio como patrono da imprensa nacional, que recebeu a adesão inclusive da FENAJ. Em 2000, o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, homologou lei de autoria do Deputado Federal gaúcho Nelson Marchejan, reconhecendo a data de 1. de junho (data de circulação da primeira edição do *Correio Braziliense*) como o Dia da Imprensa Brasileira. Ao mesmo tempo, a data de 13 de agosto passou a ser comemorada enquanto o Dia do Patrono da Imprensa Brasileira, data de nascimento de Hipólito José da Costa. Ver, a

preocupação ética do que propriamente jornalística, de relato de acontecimentos (p. 27). Por fim, relativiza a verdadeira influência que o periódico teria produzido na elite brasileira, na medida em que de pequena tiragem – circulando junto a leitores escassos, graças ao analfabetismo existente na colônia – teria, de fato, produzido pouca impressão junto àqueles a que chegava, até porque, boa parte deles, pertenceria aos próprios círculos portugueses.

Dos três motivos pelos quais Sodré considera “um exagero” incluir o *Correio Braziliense* no conjunto da imprensa brasileira, certamente o último é o mais inconsistente. Afinal de contas, José Marques de Melo já mostrou, à saciedade que, de fato, a imprensa não poderia ter nascido antes num território não-urbanizado e com escassos leitores (2003). Mas uma imprensa produzida “desde fora”, ainda que sob uma ótica dirigida aos compatriotas “de dentro” do país e, mais que isso, àquelas elites, sim, que controlavam a administração da colônia, mas que nem sempre concordavam entre si, quanto aos objetivos a serem ali desenvolvidos, poderia – e certamente – teria tido uma influência poderosa e eficiente, na medida mesma em que, ao ser lida por aquelas elites, ao longo dos tantos anos em que circulou, ininterruptamente no território, terminaria por criar um “clima” de, no mínimo, compreensão e reflexão a respeito dos temas por ele abordados, mesmo que sob uma perspectiva de preocupação e de contradição.³

Pretende-se mostrar que uma leitura crítica e uma boa avaliação sobre a contribuição de Hipólito José da Costa ao pensamento político e econômico da época deve situá-lo num contexto histórico adequado, levando-se em conta as práticas jornalísticas de então, na Europa, que era, enfim, onde ele vivia, e as possibilidades de circulação de uma informação livre (ou relativamente livre) na colônia portuguesa que era o Brasil. Assim, a importância de Hipólito José da Costa se coloca sob dupla dimensão:

- de um lado, o militante preocupado em “civilizar” as elites portuguesas e “brazilienses”, para ficar no termo por ele escolhido,⁴ o que implicava em dar-lhes informações sobre tudo o que ocorria na Europa e, ao mesmo tempo, introduzir reflexões críticas a respeito do papel presente e futuro do Brasil, não apenas no contexto do Reino Unido de Portugal quanto no da América colonial;
- de outro, o intelectual que se sentia responsável por, ao

propósito: MELO, José Marques de (2005).

³ Vamos comentar, a seguir, o manifesto de lançamento do jornal que evidencia, em nosso entendimento, essa perspectiva.

⁴ Francisco Riopardense de Macedo assim comenta o fato: “Brasiliense era o nativo, o índio; brasileiro, o português que aqui se fixara; e brasiliense, o filho de português aqui nascido. *Correio Braziliense* tinha, assim, um propósito que era um chamamento. Seria o jornal dos portugueses, que fundariam uma nova pátria. Destinar-se-ia a defender seus interesses, que seriam os interesses dos novos portugueses” (MACEDO, 1975:61). E, logo depois, acrescenta: “Para elas [as pessoas portuguesas], naquele trágico momento, o Brasil passaria a ser Portugal, com a vinda da Família Real e a instalação, nele, dos milhares de válidos que a acompanhou”.

mesmo tempo, fiscalizar os atos da administração portuguesa em geral, defendendo-lhe a ética e a consequência política, ainda que combatendo fortemente os esforços emancipacionistas (para ele, separatistas) que viriam em prejuízo de Portugal e do Brasil, posição esta mantida até o momento em que as Côrtes Portuguesas insistiram em devolver o Brasil à sua condição simplesmente colonial, contra a qual se insurgiu o autor, passando a admitir, então, o movimento independentista.

Numa e noutra perspectiva, a primeira maior que a segunda, já que esta se encontra contida, na verdade, pela primeira, Hipólito José da Costa é, em tudo e por tudo, um homem de seu tempo. Convive na maior metrópole europeia, naquele espaço que goza de maior liberdade de pensamento e de expressão, a Inglaterra. Integra alguns dos círculos intelectuais mais avançados – não só a maçonaria, a que pertencia em hierarquia elevada, quanto suas relações pessoais que, ao que se sabe, incluiriam David Hume e Ricardo. Neste sentido, tem plena consciência de que o presente e o futuro da Europa depende fundamentalmente do Novo Mundo. Foi isso que descobriu em sua viagem aos Estados Unidos. É isso que orienta a produção dos artigos que faz incluir no *Correio Braziliense*, seja aqueles que escreve, seja os que traduz, preocupado em transmitir dados, trazer reflexões e projetar alternativas para o futuro em relação àquele continente onde nasceu, vis-a-vis com o continente em que agora vive. Claramente, para Hipólito José da Costa, existe a necessidade de uma existência conjunta e equilibrada entre ambos os continentes. Que isso seja decorrência de suas atividades comerciais, como quer Nelson Werneck Sodré, ou de suas ligações com a burguesia britânica e a maçonaria, isso é o que menos importa. O que deve ser reconhecido e valorizado é que, olhando-se do tempo de hoje para o tempo de Hipólito José da Costa, verifica-se o acerto de suas projeções e prognósticos, a coerência de suas análises e a importância das propostas e projetos por ele apresentados, através do jornal que editou, praticamente de maneira solitária, entre 1808 e 1822.

Observe-se, assim, o editorial de lançamento do *Correio Braziliense*, em junho de 1808.

“O primeiro dever do homem em sociedade he de ser útil aos membros della”,⁵ inicia ele. Aqui, desde logo, o sentimento de viver em sociedade e de utilidade que cada ser humano deve ter em relação a seus próximos. A tese é em seguida individualizada:

⁵ Transcrevemos, fielmente, os textos encontrados na edição facsimilada do periódico: *Correio Braziliense ou Armazém Literário* (2001, Vol. I, Junho de 1808).

“e cada um deve, segundo as suas forças Phisicas, ou Moraes, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos, ou talentos, que a natureza, a arte, ou a educação lhe prestou”. Defende Hipólito José da Costa, pois, que cada pessoa seja capaz de identificar suas potencialidades e qualidades. Ele, pessoalmente, define-se pela imprensa. O trabalho jornalístico é assim discutido por ele:

“Tal tem sido o trabalho dos redactores das folhas publicas, quando estes, munidos de uma critica saã, e de que censura adequada, re-presentam os factos do momento, as reflexoens sobre o passado, e a soldidas [sic] conjecturas sobre o futuro”.

Eis aí todo um programa de ação que, de maneira muito clara, deita por terra qualquer argumento que pretenda desclassificar sua atividade no *Correio Braziliense* enquanto não-jornalística, ou queira diminuir a importância de sua tarefa. Hipólito José da Costa tem muito claro o papel que um jornal desempenha(va) naquele tempo: crítica sã, comedimento, reflexões desde o passado, representação dos fatos do presente e conjecturas sobre o futuro.

Qualquer manual de teoria do jornalismo que consultemos vai expressar exatamente esta tripla preocupação, traduzida por esta tríplice função: o jornalista deve informar e criticar, com responsabilidade (ética da imprensa), permitindo a transmissão dos acontecimentos do presente, a eventual recuperação e a relação do presente com o passado e, no campo da opinião, a possibilidade de projeção sobre o futuro.

Mas Hipólito vai mais adiante. Definida a responsabilidade individual, ele pretende encontrar, na tradição histórica da imprensa portuguesa, justificativas que também evidenciem o papel que pretende desempenhar daqui para a frente. Por isso, recupera os episódios históricos em torno da aclamação do rei Dom João IV, em que a imprensa teve papel fundamental, na medida em que “neste folheto se vïam os factos, taes quaes a verdade os devia pintar”. Hipólito José da Costa vai mais longe. Na medida em que o jornalismo é fidedigno, torna-se fonte primária de historiadores: “e desta obra interessante se valeo, ao depois, o Conde da Ericeira, para escrever a historia da aclamação com tanta censura, e acertada critica, como fez”.

Definido, pois, o papel da imprensa e do jornalista, identificada sua própria função, Hipólito José da Costa passa a argumentar a respeito de uma tarefa específica: a defesa da liberdade.

Aí está uma passagem interessante, que nos permite vislumbrar o lugar desde onde ele se colocava. Leia-se: “He de admirar que, sendo Nós hoje os primeiros promotores dos jornaes públicos, na Europa...”

Observe-se este “nós” que o identifica enquanto “português”. Ele não diz “nós” enquanto “braziliense”, mas sim, enquanto português, justamente porque é isso que ele vai defender ferrenhamente: o Reino Unido.

Mas em seguida esclarece seu objetivo, baseado na história pretérita:

“Sendo também Nós aquella Nação, que comprou a sua liberdade, e independência com estes jornaes políticos, seremos agora a única, que se hade achar sem estes soccorros, necessários a um estado independente o qual poderá algum dia rivalizar, pela sua situação local, em que a natureza poz o vasto Império do Brazil, ás primeiras Potencias do mundo?”

Esta passagem é exemplar quanto à maneira pela qual Hipólito José da Costa vê as relações entre o Brasil e Portugal. Observe-se: ele defende a grandeza de Portugal na medida em que pode contar com o Brasil, este sim, vasto; mais que isso, é o fato de Portugal estar agora sediado no Brasil que lhe possibilita pensar um futuro de Potência mundial. Argumentação sutil, refinada e antecipadora.

É sob esta perspectiva, pois, de “patriotismo, desejando aclarar os meus compatriotas, sobre os factos políticos civis, e literários da Europa, [que] empreendi este projecto”, o que significa dizer: o jornal será dirigido aos brazilienses tanto quanto aos portugueses (ambos são seus compatriotas, já que é evidente considerar-se Hipólito José da Costa como um português braziliense).

Outro ponto importante é a referência, tanto à política quanto à literatura, o que se traduzirá fielmente não apenas no nome da publicação – *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, quanto nas diferentes partes (diríamos hoje “editorias”) que o compõem: Política; Comércio e Artes; Literatura e Ciências; Miscelânea. Eventualmente, publica-se um espaço denominado Correspondência, lacônica, na maioria das vezes, uma espécie de comunicado interno (ainda que público), que o jornalista faz circular – meio melhor que ele encontrou para poder dirigir-se a algumas de suas fontes, como ocorre na edição de agosto de 1808: “A carta sobre os infelizes refugiados Portuguezes que se acham ainda detidos em Inglaterra he mui judiciousa, e será inserida, se o author quizer alterar o parographo segundo”.

O texto do que hoje chamaríamos de editorial de lançamento da publicação se conclui pela consciência plena de seu pioneirismo e de sua inovação quanto ao jornal:

“Longe de imitar só (...) quero traçar as melhorias das Sciencias, das artes, e n’uma palavra de tudo aquillo, que pode ser útil á sociedade em geral. Feliz eu se posso transmitir a uma Nação longínqua, e socegada, na língua, que lhe he mais natural, e conhecida, os acontecimentos desta Parte do mundo”.

Hipólito da Costa dirige-se claramente aos brasileiros, ao mesmo tempo que à sociedade em geral, com o fito de atualizá-los sobre os acontecimentos da Europa. Nada é mais claramente jornalístico do que este objetivo. Mas ele acrescenta, com sutileza: isso ocorrerá em sua língua natural, ou seja, ainda que no exterior, ele escreverá em português. Poderíamos antecipar: de modo a que seja entendido pelos brasileiros, em especial as elites brasileiras e portuguesas. Registre-se que um aposto traduz, igualmente, a preocupação pela ordem social, que será uma constante em todo o seu pensamento: “Nação longínqua, e socegada”, o que significa que, no Brasil, ele espera não ter de enfrentar, nem a situação de invasão estrangeira que se vislumbra naquele momento em Portugal, nem rebeliões internas, como as que mais tarde ocorrerão e contra as quais ele se colocará claramente.

O texto se encerra com a expectativa sobre a recepção do jornal: “O meu único desejo será de acertar na geral opiniaõ de todos, e para o que dedico a esta empreza todas as minhas forças, na persuasão de que o fructo do meu trabalho tocará a meta da esperança, a que me propus”.

A esperança a que Hipólito José da Costa se refere era, justamente, a de, aproveitando-se da conjuntura que obrigara o deslocamento da Corte portuguesa para o Brasil, garantir esta permanência, interessante, sob todos os aspectos, não apenas ao papel político que o Reino Unido de Portugal poderia vir a desempenhar na Europa.

Se analisarmos mês a mês, texto a texto, as informações e os comentários, a seleção de matérias que Hipólito José da Costa traduz e insere no jornal; o destaque aos eventos políticos; os comentários que faz a respeito do movimento comercial europeu; as importações/exportações portuguesas e, especialmente, as brasileiras; o acompanhamento da correspondência trocada entre as autoridades - primeiro a respeito da resistência que a população

portuguesa oferece aos invasores e, mais tarde, as disposições que as Côrtes querem impor ao Brasil - avultam duas perspectivas:

- é surpreendente a agilidade com que Hipólito José da Costa consegue buscar informações, receber e transcrever documentos, ter acesso a fontes por vezes extremamente reservadas. Isso se deve, por certo, a uma organização absolutamente pioneira que ele foi capaz de constituir, com eficiência e à sua aproximação com as altas hierarquias da maçonaria e, evidentemente, sua articulação com algumas das próprias autoridades portuguesas, direta ou indiretamente, a começar pelo rei Dom João VI;
- a clareza com que Hipólito José da Costa vislumbra o papel estratégico do Brasil como produtor de matérias-primas e, por suas dimensões, consumidor de manufaturados. Acertadamente, Paulo Roberto de Almeida considera o jornalista como “pioneiro do pensamento econômico brasileiro (2005), mostrando que Hipólito não foi como José da Silva Lisboa, o visconde de Cairu, um teórico da economia, muito embora não tenha repugnado a entrar em considerações doutrinárias em seus escritos da fase do *Correio* (...) Um estudo sobre seu pensamento econômico ainda está para ser feito, mas não parece deslocado afirmar que ele ostentava o mesmo pragmatismo e bom senso que o caracterizavam na área política, combinando um liberalismo de princípio com a aplicação de algumas medidas ‘industrializantes’, que ele tinha observado nos Estados Unidos”.

Contrariando a afirmativa de alguns, dentre os quais Nelson Werneck Sodré, sobre o posicionamento político de Hipólito José da Costa, Almeida evidencia que, quando foi assinado um tratado de comércio entre Portugal e Inglaterra, pelo qual a Inglaterra pagaria menos impostos de alfândega do que os próprios comerciantes portugueses, Hipólito da Costa imediatamente denunciou e sublevou-se contra tal situação: “Hipólito considerou que as pressões diplomáticas da Grã-Bretanha em favor da liberdade de comércio eram feitas em seu próprio benefício. E cita a edição de fevereiro de 1809 para comprovar sua assertiva: Um tratado de comércio entre o Brasil [sic] e a Inglaterra é uma das mais delicadas empresas em que se pode entrar o Brasil, porque o negociador brasileiro não tem precedentes que guiem(...) Outra dificuldade em que se deve achar o Negociador Brasileiro é a impossibilidade de prever a vereda que tomarão os diferentes ramos de agricultura ou de manufaturas no Brasil”.

Para Paulo Roberto de Almeida, por isso mesmo, pode-se afirmar que “as posições de Hipólito deram origem a uma escola de pensamento, se não protecionista e industrializante, pelo menos desconfiada do livre-cambismo e da abertura irrestrita”. Essa perspectiva pode parecer contraditória com a outra, aqui exposta, sobre a ótica do comércio mundial que Hipólito José da Costa defendia, como bom liberal, e que se expressava, por exemplo, pela publicação, naquela mesma edição 9, de um longo ensaio, traduzido da *Revista de Edimburgo*, a respeito da necessária construção de um canal, ligando os oceanos Pacífico e Atlântico, na altura do Panamá, necessidade que só viria a se concretizar um século depois.⁶ Mas esses debates evidenciam que Hipólito José da Costa se, por um lado, pensava mundialmente o Brasil, por outro lado não descurava dos interesses do país, primeiro, enquanto Reino Unido a Portugal, mas, quando este também se colocou contrário à grande nação sul-americana, enquanto um país independente.

A compreensão desta perspectiva leva a valorizar a perspicácia com que Francisco Riopardense de Macedo soube estudar a figura de Hipólito José da Costa: acima de tudo, por ser ele contrário à intolerância, motivo pelo qual, prisioneiro da Inquisição portuguesa, não apenas alcançou fugir, exilando-se na Inglaterra, quanto levou documentos que evidenciavam a maneira pela qual a Inquisição funcionava, e que imediatamente tratou de denunciar, publicando-os (1975: 59 e 60): “era uma valiosa contribuição ao pensamento liberal da época, mas era, também, uma contribuição corajosa, porque significava, como ele mesmo reconhece, o banimento, para sempre, de sua pátria”.

Ora, a Inquisição funcionava à revelia do poder político. Muitos dos administradores portugueses não tinham a menor simpatia pela Inquisição. A lógica de Hipólito José da Costa, portanto, obedece a uma determinada hierarquia de valores, o primeiro dos quais é a defesa intransigente da liberdade, em geral, e da liberdade de pensamento, em particular.

Manifestadas as exigências das Cortes quanto à volta de Dom João VI; manifestadas as pretensões das Cortes em devolver o Brasil à condição de simples colônia; decidida a permanência de Dom Pedro no Brasil; chegado, enfim, o momento da separação entre Brasil e Portugal, com a declaração da independência, a cada episódio Hipólito José da Costa acompanha, comenta, julga, sugere e avalia, sempre sob uma mesma ótica: o interesse maior, primeiro do Reino Unido. Depois, da liberdade e de uma perspectiva de futuro por entender ser o Brasil maior que o próprio

⁶ O Canal do Panamá foi construído entre 1909 e 1914, com 68 quilômetros de comprimento e largura variável de 92 a 305 metros, com profundidade máxima de 13 metros, elevando-se a 20 metros com o funcionamento de suas comportas, o que permite a transposição de um para o outro oceano.

Portugal. De qualquer maneira, é o momento em que o jornalista pretende ter cumprido sua função. Metódico, ele aguarda o final do ano de 1822, para poder fechar o semestre, organização através da qual publicava depois o index de cada período. Em dezembro de 1822, edição 175, do volume XXIX, conforme consta da primeira página daquela publicação, anuncia o encerramento de sua contribuição.

Na secção Política, publica a Ata da Aclamação do Senhor Dom Pedro Primeiro, Imperador Constitucional do Brazil, e seu Defensor Perpétuo; transcreve o Decreto (...) “ordenando que despejem do país os que não aprovarem o seu sistema de independência” e o Edital do Senado da Câmara do Rio de Janeiro, assinado por José Clemente Pereira, que conclama os brasileiros a “aprovarem e apoiarem o novo governo”. Por fim, divulga, como sempre o fizera, “os preços correntes dos principais produtos do Brasil” na bolsa de Londres. Na secção de Literatura e Ciências, anuncia novas publicações na Inglaterra e, na Miscelânea, publica uma “Coleção de Máximas Políticas” – certamente dirigidas aos novos governantes – ao mesmo tempo em que acrescenta umas interessantes “Reflexões sobre as novidades deste mez – Reynos desunidos do Brazil e Portugal”, em que responsabiliza frontalmente as Cortes portuguesas pelo ocorrido: “Cumpriram-se em fim os prognósticos, e alcançaram as Côrtes de Portugal realizar a desmembração da antiga Monarchia Portugueza, estimulando o Brazil, a pezar dos desejos de uniaõ daquelles povos, a declararem a sua total independência, e constituírem-se em nação separada de Portugal, etc.”.

Acrescenta ainda um relatório sobre o “Estado Político da Europa, no fim do anno 1822”, antecipando um comentário sobre a dificuldade de se produzir uma Constituição para o Brasil. Completa seu levantamento, com um texto sobre o “Estado político da America, no fim de 1822” e, enfim, um comentário sobre Portugal, que assim inicia:

“Mui pouco importa já a nossos Leitores no Brazil as medidas, que Portugal vai seguindo na sua política interna; mas ainda assim não são indifferentes alguns factos, que ou respeitam o Brazil, ou lhes devem servir de farol, para evitar cahirem nos mesmos escolhos, etc.”.

Reconhece-se a lógica e o princípio de hierarquia e importância das informações com que Hipólito José da Costa organiza a derradeira edição do *Correio Braziliense*: primeiro, a informação

sobre a independência – melhor que qualquer coisa, a transcrição dos documentos. Deve-se levar em conta que, se para ele, em Londres, era difícil saber de algo que se passasse no Brasil, não era muito mais fácil a um residente no país, por exemplo, no norte amazônico ou na distante Colônia do Sacramento, ter informações a respeito dos acontecimentos da Corte no Rio de Janeiro.

Depois das informações do Brasil, aquelas sobre a Europa, a América e Portugal. Hipólito da Costa promovia, assim, um verdadeiro balanço do contexto político mundial que poderia orientar os novos governantes. Não satisfeito com isso, introduz um comentário explícito sobre a Constituição e, indiretamente, permite-se alguns conselhos, através das Máximas Políticas também inseridas na seção de Miscelânea.

Encerrando a edição, relativamente pequena na sua dimensão, se considerarmos algumas outras, mas profundamente importante, se levarmos em conta a qualidade de seus textos, como se nenhuma importância maior tivesse para o futuro, graças à humildade com que se expressa, anuncia o final do jornal e de sua circulação.

Depois de lembrar que o periódico sempre se dedicara a “tratar como objecto primeiro dos negócios relativos ao Brazil”, revela ter-se preocupado, nos últimos meses, a seguir os acontecimentos envolvidos com o “paiz, ou com os de Portugal, que lhe diziam respeito”. Contudo, sua independência, e a consequente liberdade de imprensa que agora vige, “fazem desnecessário ao Redactor, o encarregar-se da tarefa de recolher novidades estrangeiras”, já que “a liberdade da imprensa nelle, e as muitas gazetas, que se publicam nas suas principaes cidades, escusam este trabalho d’antes tam necessário”.

Conclui, assim, Hipólito da Costa: “Deixará pois o Correio Braziliense de imprimir-se mensalmente; e só sim, todas as vezes, que se offerecer matéria, sobre que julgemos dever dar a nossa opinião, a bem da nossa pátria”.

Relembrando a difícil pontualidade das saídas dos navios e a periodicidade de sua circulação – “aonde não pôde chegar com regularidade de tempo” - entende ter cumprido sua missão. Na verdade, Hipólito da Costa não mais voltaria a editar seu jornal, porque morreria alguns meses depois, sem nem mesmo assumir a função de representante diplomático brasileiro creditado em Londres, por decisão de Dom Pedro I.

Cumprira-se, de qualquer modo, a função do *Correio Braziliense*, não apenas em favor da independência brasileira, como se quis muitas vezes. Mas em contrário a toda e qualquer pre-

potência e, sobretudo, a favor da idéia de uma unidade cultural, política e econômica entre as metrópoles (Portugal ou Espanha) e as antigas colônias, de que surgiria o maior poderio e a maior força de negociação desses reinos junto às grandes potências de então, fossem Inglaterra ou França.

Referências

- ALMEIDA, Paulo Roberto – “Hipólito José da Costa: Pioneiro do pensamento econômico brasileiro” in *Revista História Hoje*, março de 2005, Vol.2, nº 6, Associação Nacional de História –ANPUH, captado na internet, www.anpuh.uepg.br/historia-hoje/vol2n6/paulo.htm
- BAHIA, Juarez (1990) *Jornal, história e técnica – História da imprensa brasileira*, Ática, São Paulo.
- BENTO, Cláudio Moreira (2005) *Hipólito da Costa – O gaúcho fundador da imprensa no Brasil*, Gênese, Porto Alegre.
- CASTRO, Therezinha de (1973) *Hipólito da Costa – Idéias e ideais*, Record, Rio de Janeiro.
- DOURADO, Mecenas (1956) *Hipólito da Costa e o Correio Brasiliense*, Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro.
- LIMA SOBRINHO, Barbosa (1977) – *Antologia do Correio Brasiliense*, Cátedra/MEC, Brasília.
- LUSTOSA, Isabel (2000) *Insultos impressos – A guerra dos jornalistas na independência – 1821 – 1823*, Cia. das Letras, São Paulo.
- MACEDO, Francisco Riopardense (1975) *Hipólito da Costa e o universo da liberdade*, Sulina/ARI, Porto Alegre.
- MELO, José Marques de (2003) *Jornalismo brasileiro*, Sulina, Porto Alegre..
- MELO, José Marques de (2005) *Imprensa brasileira – Personagens que fizeram história*, Universidade Metodista/IOESP, São Paulo.
- MELO, José Marques de (1985) *Comunicação e transição democrática*, Mercado Aberto, Porto Alegre.
- MELO, José Marques de (2003) *História social da imprensa*, EDIPUCRS, Porto Alegre.
- PAULA, Sérgio Góes (2001) – *Hipólito José da Costa*, Editora 34, São Paulo.
- QUEVEO, Raul (1997) *Hipólito José da Costa*, Museu de Comunicação Social, Porto Alegre.

- QUEVEDO, Raul (1972) – *Hipólito José da Costa*, Associação Riograndense de Imprensa, Porto Alegre.
- RIZZINI, Carlos (1988) *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil – 1500/1822*, IOESP, São Paulo.
- RIZZINI, Carlos (1957) *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*, Nacional, São Paulo.
- SODRÉ, Nelson Werneck (1977) *História da imprensa no Brasil*, Graal, Rio de Janeiro.